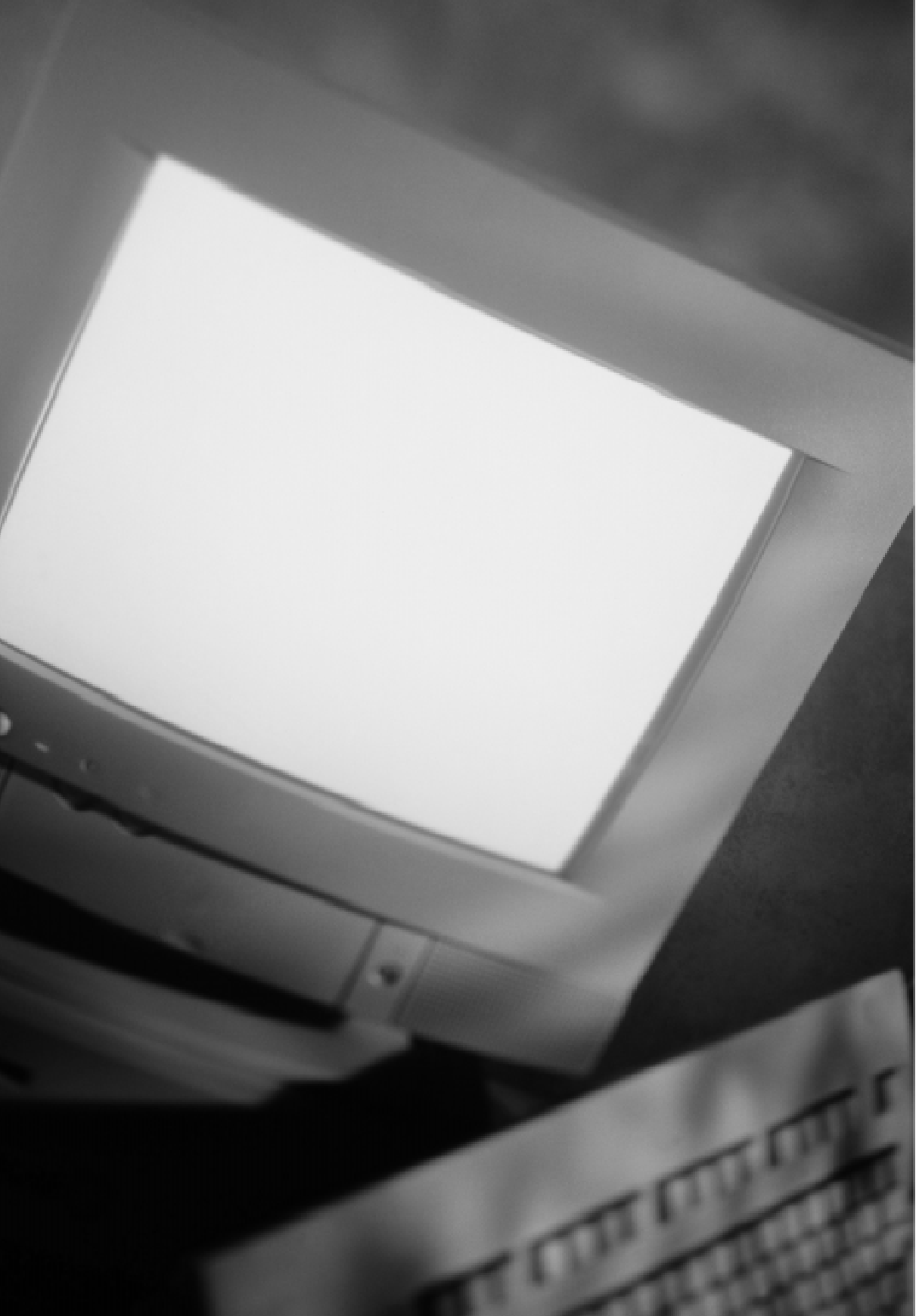




notícias



Francisco Varela e as fundações de uma nova ciência da mente

JOÃO QUEIROZ

A história das ciências cognitivas pode ser dividida em três grandes fases de desenvolvimento, duas das quais estão solidamente baseadas nas noções de representação (simbólica ou distribuída) e de computação (ortodoxa ou paralela). Essas duas fases — cognitivismo e conexionismo — embora distintas relativamente às teorias, modelos e protocolos usados para testar suas hipóteses de trabalho, compartilham a idéia, ou a metáfora (como diversos autores preferem), de que a mente é uma máquina, similar a um computador, e a cognição uma forma de transformação de certas entidades de acordo com procedimentos pré-estabelecidos no interior da máquina. A mente é uma máquina que seleciona, estoca e manipula representações de acordo com procedimentos sintáticos, ou algorítmicos. Geralmente chamado de *computacionalismo*, suas idéias subsidiárias (isto é, autonomia de um nível funcional de descrição, de uma realidade independente constituída por problemas na forma de *inputs* etc) podem ser sumarizadas em duas doutrinas, que são suas bases — dualismo substancialista e funcionalismo. É em oposição a estas idéias que surge uma terceira grande fase, que Francisco Varela (1946-2001), um dos seus mais criativos fundadores e defensores, chamou de *dinamicista*. Embora ela agrupe uma grande heterogeneidade de trabalhos orientados por muitas tendências, eles apontam na mesma direção: a compreensão do sucesso adaptativo de criaturas cognitivas deve basear-se em novas metáforas, modelos e ferramentas; um modelo de mente *detached* biológica e culturalmente deve ser reconsiderado. Cognição é o espaço onde o corpo, o ambiente (físico e cultural) e o cérebro, estão densamente acoplados (*structural coupling*), e qualquer investigação de suas atividades deve aceitar de saída esta metáfora — “O cérebro existe em um corpo, o corpo existe em

um mundo, e o organismo se move, age, se reproduz, sonha, imagina. É desta atividade permanente que emerge o sentido do mundo e das coisas” (Varela 1998)*

Varela faleceu no último dia 28 de maio aos 54 anos. PhD em biologia por Harvard, há alguns anos diretor do grupo *Dynamique des Ensembles Neuronaux*, no Hospital de Salpêtrière (Paris), sempre se posicionou com independência quanto ao *mainstream* em neurobiologia, epistemologia e ciências cognitivas, suas principais áreas de atuação. As fundações de uma ciência não-computacionalista da mente*, que suas contribuições ajudaram a criar, baseavam-se, especialmente, nas noções de neurodinâmica — processos de interação não-lineares e auto-organização (*Principles of Biological Autonomy* [1979], *Autopoiesis and Cognition* [Maturana e Varela 1980]), Enaction (*The Embodied Mind* [Varela, Thompson e Rosch 1991]), emergência (*Invitation aux sciences cognitives* [1988/1996]). Recentemente trabalhava na convergência de duas disciplinas que, por tradição, não dialogam: Fenomenologia e Ciências Cognitivas. Sobre isto, editava e publicava *Naturalizing Phenomenology: Issue in Contemporary Phenomenology and Cognitive Science* (2000) e *Phenomenology and the Cognitive Sciences*; organizava congressos como *Phenomenology and the New Sciences* (Oxford, 2001); dirigia a *Association for Phenomenology and the Cognitive Sciences*, assim como grupos de pesquisa e workshops, entre os quais, *The Phenomenology and cognition*, Paris, 2001.

João Queiroz é doutorando do Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Semiótica (COS-PUC-SP).

* Ver a entrevista *Le cerveau n'est pas un ordinateur*: http://www.dsa.uqac.quebec.ca/~jmtorres/investigacion/rn/francisco_varela.html